

I

Profano, profano, profano. Profano o tempo, profana a terra, profana a língua, profana a lei. Tempo e terra, língua e lei, sem outro tamanho que não aquele que por si próprios possam produzir. Causa e consequência, circunstância, condição, isso que a si mesmo, e contra a estrita ideia de civilização, se pesa, se mede e se diz. Contra a civilização, contra a culpa, contra a língua, contra a lei. Contra a proibição inscrita na carne como coisa congénita.

Movia-me sem ver onde punha os pés. Primeiro um passo, depois outro, tacteando o escuro. Era uma superfície instável. Terra, lama, lodo. Madeira apodrecida. Tropeçava, os pés pareciam prestes a enterrar-se no solo encharcado. Cheirava a nevoeiro e a água estagnada. Avancei ao acaso durante alguns minutos. A princípio em frente, depois à esquerda, acompanhando o declive. Acabei por encontrar o carro.

A estrada atravessava os pântanos, menos de um metro acima do nível de cheia. À luz dos faróis, nas terras baixas, um lençol de água de onde emergiam salgueiros. Conduzi devagar. Uma via estreita e sinuosa, paralela ao curso do rio. Quatro quilómetros depois desviou-se para a direita e começou a subir. O nevoeiro tornou-se mais denso. Desliguei os máximos, liguei-os. O acréscimo de luz não produzia profundidade, iluminava uma massa clara mas opaca, que se movia de encontro ao carro. À minha frente não haveria mais do que seis ou sete metros de visibilidade. Acelerei. Para lá dos rails, adivinhava-se um vale cavado. Vegetação rasteira, copas de árvores,

afloramentos rochosos. Um território hostil. Eu confiava na estrada. Colava-me às linhas no pavimento e acelerava. O nevoeiro mantinha-se quando atravessei a fronteira, dissipou-se após alguns quilômetros. Continuei durante toda a noite. Às seis da manhã já estava claro. Às sete, parei numa área de serviço. Pão, leite, café. Demorei vinte minutos. Uma hora mais tarde estacionei diante de um hotel. Pedi um quarto. Tomei banho e deitei-me despido. Não desfiz a cama. Acordei a tossir, coberto de suor. Levantei-me devagar, tentando manter-me de pé. Alcancei o quarto de banho e debrucei-me sobre a sanita. Um jorro ocre com restos de sangue, sabor metálico e odor ácido de água represada. Fechei os olhos, ajoelhado, as mãos apoiadas na porcelana. Sentia-me a expelir mais do que aquilo que o estômago poderia comportar. A expelir os órgãos. O estômago, os pulmões, num impulso que parecia arrancar parte da própria carne. Sangue e tecidos dissolvidos numa lama cada vez mais espessa. Aproximei a boca da torneira. Bebi alguns goles e deixei-me cair, de olhos fechados, os joelhos dobrados e as costas apoiadas contra a parede. Fiquei ali até conseguir pôr-me de pé. Talvez meia hora. Levantei-me, lavei a boca e voltei para a cama. Adormeci depressa. Acordei às quatro da tarde. Tomei banho, vesti-me e deixei o hotel. Prossegui para sul.

Eu sabia o que teria a fazer. Trocar o que tinha por aquilo de que precisava. Caso a caso e sem hesitações. Sabia o que nunca faria. Conhecia as regras, aceitava os termos, mas não me comprometia. Poderia ganhar, poderia perder. Reconhecia a pergunta, antevia a resposta, uma coisa era condição da outra. A posse, da pergunta, a falta, da resposta. Mas nenhuma delas capaz de cumprir a sua função. A posse ou a pergunta, a falta ou a resposta. Seria talvez um problema mal formulado, sem solução apenas porque os dados estavam desde o início viciados. Era voluntário. Tinha sido um erro, continuaria a sê-lo.

Parei em Mérida para jantar. Demorei-me. Passava da meia-noite quando voltei para o carro. Depois, duzentos quilômetros de auto-estrada até Sevilha. Avançava devagar. Cento e trinta, cento e dez, noventa, reduzindo a velocidade à medida que me aproximava. Eram duas da manhã quando deixei a auto-estrada e atravessei as zonas industriais e os bairros periféricos. Dirigi-me para o centro. Ronda

de Capuchinos, Menéndez Pelayo, Eduardo Dato, dez minutos desde a circular exterior. Deixei o carro nas traseiras da Fábrica de Artilharia e segui ao longo do passeio, com as chaves na mão. Do outro lado da rua, havia um estaleiro de obras. Hesitei uns minutos à entrada do prédio, um edifício de quatro pisos que ocupava metade do quarteirão. Recuei até ao passeio oposto. No último andar, as janelas estavam iluminadas. Entrei, chamei o elevador e subi. Esperei diante da porta. Não se ouvia ninguém. Experimentei a chave.

Sufocava-se. Todas as lâmpadas estavam acesas. Ao fundo do corredor, o quarto era a única divisão às escuras. Percorri os compartimentos. Era preciso olhar para o chão e tentar não tropeçar nas coisas espalhadas. Livros, brinquedos, revistas, embalagens vazias. No quarto de banho, a roupa suja acumulava-se entre a banheira e o lavatório. A cozinha cheirava a leite azedo, comida bolorenta e fruta apodrecida. A porta do frigorífico estava entreaberta. Fechei-a. Espalhados pela mesa e pelo balcão, garrafas de sumos, pacotes vazios, embalagens meio consumidas de comida entregue ao domicílio. Pedços de pão seco, papa, flocos de cereais. As formigas atravessavam os ladrilhos, subiam pelos móveis e cobriam os restos. À minha aproximação, as baratas escondiam-se por detrás dos móveis. No lava-loiça, a torneira deixava correr um fio de água, num gotejar cadenciado que caía sobre uma chávena, escorria pela porcelana e se esvaía pela pilha de louça. No terraço, as plantas dos vasos tinham sido regadas. Voltei para trás, atravessei a sala, o corredor, parei antes do último quarto. O outro, à esquerda, tinha a cama coberta de sacos, brinquedos, roupa. Avancei dois passos e abri mais a porta. Fechei-a atrás de mim. Esperei que os olhos se habituassem ao escuro. As janelas estavam entreabertas, os estores corridos. Os candeeiros da rua projectavam no tecto listas horizontais de uma luz baça e morna que iluminava mal. Mesmo com as janelas abertas, o ar continuava quente e abafado. Cheirava a pó, borracha e gasolina queimada. Urina.

Um compartimento largo. Junto da porta havia um sofá, depois, em sequência, uma cama grande, uma cama de criança, um armário de parede com as portas abertas. Uma cómoda, à esquerda. Uma cadeira junto da janela. Aproximei-me da cama maior. O rapaz tinha apenas as cuecas vestidas. Magro, as pernas esguias, o cabelo com-

prido. Ouvia-se a respiração. Rápida, regular, entrecortada por pausas de onde emergia com uma aspiração sufocada. Da outra cama, não se ouvia nada. A menina estava despida, com o cabelo espalhado pelo rosto e as pernas cobertas com a ponta do lençol. Apoiei-me nas grades, debrucei-me e afastei-lhe o cabelo. Não se mexeu. Respirava devagar, com os lábios entreabertos e um quase insensível movimento do peito. Parecia fria, apesar do calor, o corpo contraído, a cabeça colada aos joelhos. Tinha os lençóis húmidos em redor das coxas. Na penumbra, a sua pele esbatia-se contra o tecido branco. Uma mancha inorgânica. Levantei-me e fui até à janela. Afastei o estore.

Em baixo, do outro lado da rua, havia não um estaleiro de obras, mas um campo arqueológico que ocupava o espaço de vários edifícios demolidos. Nos prédios das extremidades persistiam os restos das anteriores construções. Um holofote projectava uma luz rasante que iluminava o painel de identificação dos trabalhos. Uma necrópole medieval. Para lá dos toldos de rede, eram visíveis os trabalhos. O solo fora dividido numa quadrícula apertada de valas que interceptavam as sepulturas. A escavação atingira talvez um metro de profundidade. Ainda não alcançara o nível de inumação, mais fundo, segundo a soma de matéria orgânica, terras e detritos. Vários metros, nos últimos dez séculos. Por debaixo da cidade, em estratos, o lixo acumulado por séculos de miséria parecia constituir a única superfície sólida. O lixo, a fome, a violência, o que sobra da morte ou o que lhe escapa, depostos e amontoados, num processo de produção da ordem por sobreposição do caos. Ou de produção do caos pela deposição de estratos de ordem, simultâneos e incompatíveis. Casas, templos, túmulos, cada coisa erigida sobre o seu próprio esboramento e garantindo apenas o espaço necessário para a sedimentação dos mortos.

Fiquei alguns minutos a olhar para as valas vazias e afastei-me da janela. Sentei-me no sofá. Estive ali durante mais de meia hora. Nenhum deles deu pela minha presença. Eu tinha aprendido a respeitar a morte. Não propriamente a temê-la. A respeitá-la, prescindindo de explicação. Era suficiente identificar as coisas pelo nome próprio. Pelo nome, pela imagem, pelo número, segundo um movimento que troca o mundo pela sua representação e depois lha devolve, tentando garantir um mínimo de compreensão. Olhei para o relógio. Passavam

vinde minutos das três. Não queria adormecer. Aproximei-me da cama da menina. O colchão parecia ainda mais molhado. Segurei-a pelos ombros e puxei-a para a cabeceira. Tapei-a com o lençol. Virou-se de lado, mas não acordou. Atrás de mim, o rapaz agitou-se na cama. Voltei-me devagar. Ele não se mexeu. Abriu os olhos, sem expressão, manteve-os abertos. Não pestanejou. O que quer que visse parecia não caber na sua compreensão. Suspendeu a respiração, de olhos hirtos, durante um instante. Respirou fundo e fechou-os. Não tornou a abri-los, diante de uma imagem que emergia da própria natureza da noite, desaparecendo com ela. Bastaria manter os olhos fechados.

Saí do quarto e encostei a porta. Permanecia a desarrumação. Procurei o comando do ar condicionado. Acabei por encontrá-lo por detrás da televisão. O aparelho estava avariado, ligava e desligava sem chegar a arrancar. Apaguei as luzes, abri as janelas da sala, da cozinha. Vinda da rua, uma corrente de ar fresco. Encontrei água no frigorífico. Enchi um copo, bebi-o, tornei a enchê-lo, levei-o na mão até ao terraço. Avancei alguns passos, entre vasos e toalhas de banho penduradas na corda. A varanda dava para um pátio interior. Estreito, paredes cegas, uma palmeira no meio. A lâmpada da cozinha projectava-se na parede oposta, à altura do terceiro andar. Fui apagá-la e voltei para o terraço. À distância, ouvia-se o som da buzina de um carro. Um ruído repetitivo. Fechei os olhos durante uns segundos. Abri-os. Eu estava outra vez ali. Uma coisa, um estado. Sentei-me no banco de verga e fiquei acordado. No céu, sobre a massa dos telhados, a luminosidade baça da reverberação. Duas horas depois, começou a clarear. Saí antes das sete, hora local. Fechei as janelas e liguei as luzes. As moscas começavam a enxamear os restos de comida.

Deixei o carro ao fundo da rua e fui até um hotel. Eu sabia qual, a três quarteirões dali. Pedi um quarto para duas semanas. Subi até ao oitavo piso, segui pelo corredor. Fechei a porta atrás de mim. Uma decoração pesada. Vidros fumados. Abaixo, viam-se os jardins de La Buhaira. Tomei banho e tornei a vestir a mesma roupa. Cheirava a lodo seco, transpiração. A lama tinha caído, havia algumas manchas. Limpei os sapatos. Precisava de ir às compras. Desci para o pequeno-